

O Português de Angola, entre o Português Europeu e o Português Brasileiro: o caso da interpretação do sujeito nulo em orações subordinadas

The Angolan Portuguese, between European Portuguese and Brazilian Portuguese: the interpretation of the null subject in embedded sentences

José Gueleka Kapetula*

Palavras-chave:
Interpretação
Sujeito nulo
Sujeito pronominal

Resumo: O objetivo deste artigo é o de apresentar os resultados do estudo realizado sobre a interpretação de sujeitos pronominais de 3ª pessoa por falantes nativos do português de Angola (doravante, PA), tendo em conta antecedentes com características diferentes. Pretendeu-se comparar estes resultados com o dos falantes do português europeu (doravante, PE) e com os resultados obtidos em estudos semelhantes para o português brasileiro (doravante, PB). Os resultados obtidos mostraram-nos que: i) no PA os sujeitos nulos são preferencialmente interpretados como correferentes com antecedentes quantificados, os sujeitos pronominais também aceitam a interpretação de variável ligada, o que é improvável numa língua de sujeito nulo; ii) em contexto de orações completivas, os pronomes nulos estabelecem preferencialmente correferência com sujeito matriz; em contexto de adverbial a preferência do pronome nulo por retomar o sujeito matriz não é clara; nestes dois contextos, os sujeitos pronominais tanto podem retomar um antecedente sujeito como um antecedente objeto; iii) no PA aceita-se preferencialmente um tipo de leitura que recupera parcialmente o sujeito na posição mais alta da frase, ainda que esta tendência não seja tão marcada como a que se verifica para o PE; iv) nos contextos em que as leituras são forçadas, o sujeito nulo no PA aceita uma leitura correferente com antecedente sujeito, tal como no PE, assim como aceita também uma leitura correferente com um antecedente objeto, ao contrário do PB.

Keywords:
Interpretation
Null subject
Overt pronoun

Abstract: This paper aims at presenting the results of a study carried out on “the interpretation of pronominal subjects of third-person singular by the native speakers of the Angolan Portuguese (PA), taking into account the previous linguistic circumstances with different characteristics. We intended to compare these results with the ones obtained through similar studies about the Brazilian Portuguese. The findings revealed that: In the Angolan Portuguese (PA), the null subjects are preferably read as co-referents with quantified antecedents, the pronominal subjects also accept the interpretation of attached or connected variable, which is unlikely in a language existing null subjects; In contexts of noun clauses or nominal clauses, the null subjects rather establish a co-reference with the main subject; in adverbial contexts, the preference for null subject to bring back the main subject is not clear; in these two contexts, the pronominal subjects can either take back an antecedent subject or an antecedent object; In the Angolan Portuguese (PA), it is preferably accepted a kind of reading that recovers partially the subject in the higher position of the sentence, even if this tendency is not like the one observed in the European Portuguese (PE); For the contexts in which the readings are forced, the null subject in the Angolan Portuguese (PA) allows a co-referent reading with antecedent subject like in the European Portuguese (PE); it also allows a co-referent reading with an antecedent object, contrasting from the Brazilian Portuguese (PB).

Recebido em 04 de junho de 2020. Aprovado em 09 de novembro de 2020.

* Professor do Instituto Superior de Ciências da Educação da Huíla. Doutorando em Linguística, opção Psicolinguística, Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais. Mestre em Ciências da Linguagem na Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas. E-mail: zezenguellekka06@hotmail.com.

Apresentação

O nosso trabalho visou estudar a interpretação de pronomes sujeito no Português de Angola (doravante, PA), por comparação com o português europeu (doravante, PE) e com o português brasileiro (doravante, PB).

Estudar a interpretação de pronomes sujeito no PA, permitiu explorar propriedades desta variedade que ainda são pouco conhecidas e trouxe mais dados à discussão sobre as diferenças existentes entre o PA, o PE e o PB.

Vários trabalhos têm demonstrado que existem diferenças paramétricas entre as variedades do português, em particular entre a variedade brasileira e a europeia. Um dos aspetos sujeito a variação é o preenchimento do sujeito e o chamado parâmetro do sujeito nulo. Relativamente ao PA, tanto quanto sabemos, não existe vasta bibliografia sobre esse aspeto, pelo que achámos importante a realização deste trabalho.

O contexto angolano é um contexto particular, uma vez que, em Angola, o português está em contacto com diferentes línguas africanas e é língua segunda para um número considerável de falantes. Esta situação sociolinguística pode determinar especificidades nas propriedades dos sujeitos nulos em comparação com o PE e com o PB.

Neste trabalho, analisámos a interpretação que falantes angolanos residentes no Lubango atribuem a sujeitos pronominais. Esses dados foram analisados e comparados com os dados de falantes do PE, que funcionaram como grupo de controlo.

As variáveis analisadas foram: i) o tipo de pronome sujeito (nulo vs. pronominal); ii) o tipo de frase subordinada (completiva vs. adverbial); iii) o tipo de antecedente (quantificado e não quantificado); iv) a correferência.

Algumas destas variáveis foram já testadas em trabalhos anteriores para o português e para outras línguas, como nos trabalhos de ALONSO-OVALE (2002), CARMINATI (2002); COSTA, FARIA & MATOS (1998); MADEIRA, CRISPIM & XAVIER (2010; 2012); SILVA (2015); FILIACI, SORACE & CONTREIRAS (2013), entre outros autores.

Neste trabalho, a seguir à introdução fazemos um breve enquadramento sobre o parâmetro do sujeito nulo em diversas línguas, na forma de Estado da Arte, com enfoque sobre a interpretação do sujeito nulo nas variedades europeia, brasileira e angolana (2.), no ponto (3.), apresentamos as questões de investigação, no ponto (4.) apresentamos uma descrição detalhada da metodologia seguida, no ponto (5.) apresentamos o Estudo Experimental com descrição sobre os procedimentos levados em conta na aplicação dos testes, em (6.) trazemos os resultados obtidos pela investigação levada a cabo, no ponto (7.) discussão sobre os resultados e referências bibliográficas.

Enquadramento

O parâmetro do sujeito nulo tem merecido muitos estudos nos últimos tempos. Através deste parâmetro, sabe-se que há línguas em que os sujeitos das orações finitas são obrigatórios e línguas em que os sujeitos podem ser omitidos (CHOMSKY, 1981; RIZZI 1982; JAEGGLI & SAFIR, 1989).

Os diversos estudos realizados para várias línguas têm demonstrado que o parâmetro não assume o mesmo valor em todas as línguas e que pode haver diferenças a nível de interpretação entre línguas e, nalguns casos, entre variedades de uma mesma língua.

Em relação ao parâmetro do sujeito nulo, as línguas naturais assumem características diferentes, podendo ser classificadas em quatro grupos (HOLMBERG, 2005)⁴:

- A. Línguas de sujeito obrigatório, as que têm sujeitos foneticamente realizados em todos os contextos (inglês e francês). Línguas em que o princípio Evitar Pronome não tem efeito.
- B. Línguas de sujeito nulo parcial, com sujeito nulo expletivo e com sujeito nulo em alguns contextos morfossintáticos, porém com algumas restrições, como são os casos do finlandês, do PB, do cabo-verdiano (HOLMBERG, 2005; DUARTE, 1995; KATO & DUARTE, 2014; PRATAS, 2002, COSTA & PRATAS, 2007).

- C. Línguas de sujeito nulo consistente, com sujeitos preferencialmente nulos na maioria dos contextos, como o italiano, o espanhol e o PE (CARMINATI, 2002, FILIACI, SORACE & CARREIRAS, 2013; ALONSO-OVALLE, 2002; COSTA, FARIA & MATOS, 1998; LOBO, 2013).
- D. Línguas de sujeito nulo radical, sem sistema de flexão, em que a identificação do sujeito é feita através de um antecedente, como são os casos do chinês, do coreano, do japonês (HUANG, 1984; ZHENG, 2017).

A interpretação do sujeito nulo nas línguas de sujeito nulo vs. línguas de sujeito obrigatório (incidências sobre o PE, o PB e o PA)

O português é reconhecidamente uma língua de sujeito nulo. Apesar disto, diversos estudos realizados sobre o PE e o PB dão-nos conta de que o parâmetro do sujeito nulo assume características diferentes nestas duas variedades (DUARTE, 1995; DUARTE, 2000; LUEGI, 2012; LOBO, 2013; KATO & DUARTE, 2014).

De acordo com os trabalhos acima citados, as diferenças na realização do parâmetro do sujeito nulo, verificadas entre o PE e o PB, vão desde as propriedades sintáticas, o preenchimento, a interpretação, o processamento, entre outras características.

O PE é reconhecido como uma língua de sujeito nulo consistente. Nesta variedade o sujeito nulo constitui uma opção preferencial. No PB o sujeito nulo é uma opção cada vez menos frequente. O pronome pleno possui propriedades diferentes das que se verificam no PE. Esta diferença faz com que cada uma destas variedades assumam características diferentes em relação ao parâmetro do sujeito nulo.

- Interpretação de sujeitos nulos e pronominais no PE

A marcação positiva do parâmetro do sujeito nulo no PE tem sido atribuída a um Princípio de Economia, *Avoid Pronoun Principle*,

o Princípio Evitar o Pronome (CHOMSKY, 1981; MONTALBETTI, 1984). Este princípio considera que a opção por uma forma pronominal nula é mais económica do que uma forma pronominal plena e em línguas de sujeito nulo consistente, como o PE, a forma nula deveria ser usada sempre que fosse necessário, em detrimento de uma forma plena. CARDINALETTI & STARKE (1999) sugerem o Princípio *Minimize Structure* que refere que num contexto de ocorrência de uma forma pronominal forte e uma fraca seja dada preferência a uma forma pronominal fraca. De acordo com esta tipologia, a escolha do pronome nulo ao invés do pronome pleno, como correferente com o sujeito matriz, deve-se ao facto de o sujeito nulo ser um pronome fraco e o pronome pleno, um pronome forte.

Na área do processamento, tem-se estudado de que forma diferentes fatores, como por exemplo a posição do antecedente, influenciam o processamento e interpretação de sujeitos pronominais nulos e plenos. Várias propostas têm sido feitas para dar conta do processamento de pronomes sujeito.

ARIEL (1990) propõe a Teoria da Acessibilidade que postula que as formas mais acessíveis são retomadas por formas mais reduzidas. Assim, um sujeito nulo, mais reduzido do que um pronome sujeito, retomaria preferencialmente um sujeito (e não um objeto), uma vez que este é mais acessível.

CARMINATI (2002) propõe a Hipótese da Posição do Antecedente, a partir da qual sugere que, nas línguas de sujeito nulo consistente, o pronome nulo seleciona preferencialmente um antecedente na posição mais proeminente, a posição do sujeito sintático, ao passo que o pronome pleno seleciona preferencialmente um antecedente que se encontra numa posição diferente do sujeito sintático.

- A interpretação da referência anafórica no PB

O PB tem sido caracterizado como uma língua de sujeito nulo parcial (DUARTE, 1995; MODESTO, 2000; HOLMBERG, 2005). Apresenta sujeitos pronominais em contextos em que no PE se esperaríamos sujeitos nulos. Frases como (4) são mais frequentes no PB do que no PE, que apresentaria

preferencialmente nulas as formas pronominais em (4a) e (4b).

(4)

- a. *Você* me disse que *você* está morando em Copacabana.
- b. Mesmo que *eu* não fizesse o pré-vestibular, *eu* acho que *eu* passaria por causa da base que *eu* tinha.

(KATO & DUARTE, 2014: 6)

De acordo com DUARTE (1995) e MODESTO (2000), entre outros, a restrição de contextos de sujeito nulo no PB está relacionada com a redução do sistema de flexão verbal, que passou de seis para três formas, decorrente da substituição das segundas pessoas (“tu” por “você” e de “vós” por “vocês”), e ainda, da primeira pessoa do plural (“nós” por “a gente”). As formas verbais que passaram a ser mais frequentes no PB passaram todas elas a corresponder a uma forma verbal da terceira pessoa do singular. A perda da riqueza do paradigma flexional fez com que o PB passasse a ter cada vez menos sujeitos nulos referenciais licenciados por *Agr*, sobretudo em relação à 3ª pessoa, que passou a ter a correferência dependente da ligação com um antecedente (DUARTE, 1995; FERREIRA, 2000; BARBOSA, DUARTE, KATO 2005).

No PE em (5) é possível obter-se uma interpretação em que o pronome nulo retoma o antecedente sujeito da oração principal (o João). No PB, a mesma interpretação pode ser realizada com pronome expresso (5b), o que não é a interpretação preferencial numa língua de sujeito nulo consistente.

(5)

- a. O João_i disse que *pro*_i comprou um computador.
- b. O João_i disse que *ele*_i comprou um computador.

No PB, o referente do sujeito nulo e do sujeito pronominal é determinado: i) através da ligação a uma entidade saliente no contexto; ii) através da ligação ao sujeito sintático da oração imediatamente anterior. Deste modo, o PB aceita leituras em que o sujeito nulo retoma o objeto (6a) e leituras em que o sujeito pleno pode retomar o

antecedente sujeito matriz (6b), o que é inesperado numa língua de sujeito nulo do tipo do PE.

(6)

- a. O Paulo_i disse que o Pedro₂ acredita que *pro*_{*1/2/*3} ganhou.
- b. O Paulo_i disse que o Pedro₂ acredita que *ele*_{1/2/*3} ganhou.

- A interpretação dos sujeitos nulos no PA

No PA, para o qual nos propusemos desenvolver este trabalho, como acima nos referimos, não temos conhecimento da existência de vasta investigação sobre a distribuição de sujeitos pronominais nulos e plenos e sobre a sua interpretação. Sabe-se, à partida, que são permitidos sujeitos nulos e que, portanto, o parâmetro do sujeito nulo é marcado positivamente e possui características tendencialmente parecidas com as que se verificam no PE (SANTOS & OLIVEIRA, 2007; KAPETULA, 2016).

SANTOS & OLIVEIRA (2007), com base em dados de *corpora* orais, de produção espontânea, identificam a ocorrência de sujeitos nulos e pronominais em orações finitas, e referem que no PA, o sujeito nulo ocorre em todas as pessoas, isto apesar de apresentar níveis acentuados de preenchimento, sobretudo, em relação à 3ª pessoa.

Eh pá me CHAMAM de chefe, portanto, de princípio *pro* SOU uma pessoa muito animadora talvez *pro* DIGAMOS assim né? E quando *pro* CHEGUEI aqui por- tanto EU saí do Tchivinguiro para aqui é pá *pro* DIGO bem melhor chefe porque de princípio os outros de chefe. Chefe, chefe, pronto ELES também agora me meteram o nome de chefe. (SANTOS & OLIVEIRA, 2007: 12)

De acordo com os autores acima, em certos contextos, a posição de sujeito pronominal apresenta maiores níveis de preenchimento, o mesmo verifica-se em dados de produção espontânea:

(7)

- a. Por acaso *eu* não acho. *Eu* acho que matemática quando bem entendida, *ela* é boa.

- b. Quer dizer *ele* é um jogador, *pro* consegue, *pro* consegue de mudar o resultado em vinte e quatro segundos.
- c. Uma coisa muito curiosa, *eu* sei que *tu* vieste de Cabinda.
- d. Foi muito fácil *pro* adaptares a viver aqui?
(SANTOS & OLIVEIRA, 2007: 14)

No *corpus*, os contextos de 1ª pessoa apresentam consideráveis níveis de preenchimento da posição de sujeito, o que também se verifica no PE e no PB.

Interessa-nos para este trabalho, sobretudo, a variação que se verifica em contextos de 3ª pessoa, com o preenchimento da posição de sujeito nalguns contextos e não noutros.

Assumindo que o PA legitima sujeitos nulos, tal como o PE e o PB, procurámos, neste trabalho, compreender que tipo de interpretação preferencial realizam os falantes angolanos, aos sujeitos nulos e pronominais em orações subordinadas.

Questões de investigação

O objetivo deste trabalho foi o de analisar a interpretação de sujeitos nulos e pronominais em orações subordinadas, com diversos tipos de antecedentes, a fim de perceber se o sujeito nulo no PA tem o mesmo estatuto que tem no PE, ou se, pelo contrário, está sujeito às mesmas restrições que se verificam no PB. Neste sentido, o trabalho procurou responder às seguintes questões:

1. Qual é a interpretação preferencial dos falantes angolanos para os sujeitos nulos e pronominais com antecedentes quantificados e não quantificados?
2. Os falantes angolanos distinguem sujeitos nulos e pronominais em orações subordinadas completivas e adverbiais na retoma de antecedentes sujeito ou objeto?
3. No PA há aceitação de leituras *strict* e *sloppy*?
4. No PA aceitam-se antecedentes sujeito e objeto para sujeitos nulos e pronominais encaixados em frases em que se manipula

a concordância entre o sujeito sintático, o objeto e o modificador?

5. O PA tem propriedades semelhantes ao PE ou tem restrições de interpretação como o PB?

Metodologia

Os dados foram recolhidos a partir de um teste escrito, constituído por tarefas de interpretação escrita. A aplicação do teste foi antecedida por um teste piloto, com o objetivo de aferir a consistência dos estímulos. O teste piloto foi aplicado a um total de 6 falantes do PA que, a altura, residiam em Lisboa, a menos de 6 meses.

O teste definitivo foi aplicado a dois grupos de informantes. O primeiro grupo era constituído por 35 informantes, falantes nativos do PA. Entre estes havia 16 do sexo masculino e 19 do sexo feminino, com idades compreendidas entre os 16-19 anos (8); 20-23 anos (22); 24-27 (5) anos. Todos os informantes encontravam-se a frequentar cursos de preparação para o ingresso à universidade. O segundo grupo de informantes funcionou como grupo de controlo. Era composto por 21 informantes, falantes nativos do PE. Todos estes informantes eram estudantes universitários, alunos dos cursos de Línguas, Literaturas e Culturas e de Tradução da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

Para a realização da pesquisa foi usado um teste com quatro tarefas: i) tarefa de aceitação de interpretação; ii) tarefa de leituras preferenciais; iii) tarefa de interpretação; iv) tarefa de juízos de gramaticalidade.

Para cada tarefa foram estabelecidas estruturas específicas que visaram avaliar se para os falantes do PA:

- i) Há diferença entre sujeitos nulos e pronominais quanto à possibilidade de estarem ligados por um antecedente sujeito quantificado e não quantificado – (Tarefa de aceitação de interpretação).
- ii) Há diferenças entre sujeitos nulos e pronominais em orações completivas e em orações adverbiais pospostas na retoma

preferencial de um antecedente sujeito ou objeto em contextos de ambiguidade – (tarefa de leituras preferenciais).

- iii) Há aceitação de leituras *strict* e *sloppy* de sujeitos nulos encaixados – (Tarefa de interpretação).
- iv) Há aceitação de antecedentes sujeito e objeto para sujeitos nulos e pronominais encaixados em contextos não ambíguos.

Foram usadas orações subordinadas (completivas e adverbiais), com pronome anafórico (nulo e pleno) na oração subordinada, retomando o sujeito (quantificado e não quantificado) ou o objeto da oração principal. O teste consistiu em quatro tarefas:

1. Aceitação de interpretação de pronomes nulos e plenos com antecedente quantificado e não quantificado, de acordo com MONTALBETTI (1984).
2. Leituras preferenciais em contextos ambíguos (completivas e adverbiais), com dois antecedentes disponíveis (sujeito e objeto), tal como sugere a Hipótese da Posição do Antecedente de CARMINATI (2002), com resultados produtivos para o PE, como em MORGADO (2011), LUEGI (2012), SILVA (2015), SILVA & LOBO (2016) entre outros.
3. Tarefa de interpretação de leituras *strict* e *sloppy*, em que se procurou determinar as propriedades da categoria vazia na posição de sujeito no PA, verificando se tem o comportamento de um pronome, um *pro*, o que, a ser comprovado, induziria a ocorrência de leituras *strict*, ou se, por outro lado, tinha o comportamento de uma variável, com tendência preferencial a induzir leituras *sloppy* (COSTA & LOBO, 2015; DUARTE & FIGUEIREDO e SILVA, 2009).
4. Tarefa de juízos de gramaticalidade, em que se testou o nível de aceitação da gramaticalidade de frases em que foi manipulada a concordância entre o sujeito sintático, o objeto e o modificador,

forçando-se a correferência do pronome nulo com o sujeito ou com o objeto.

O objetivo desta última tarefa foi o de identificar o comportamento dos sujeitos nulos no PA, vendo se se assemelhavam ao sujeito nulo no PE ou no PB, isto é, se o sujeito nulo não aceitasse o objeto como antecedente, teria características parecidas com o nulo do PB, como demonstrado em DUARTE (1995), MODESTO (2000), DUARTE & SILVA (2012); se, ao contrário, aceitasse como antecedente tanto o objeto como o sujeito, tinha um comportamento semelhante ao PE.

Discussão dos resultados e conclusões

Os resultados gerais verificados para o grupo de angolanos nas tarefas 1 e 2 não marcam de forma clara a preferência pela interpretação do sujeito nulo encaixado como variável ligada ao sujeito quantificado ou correferente com o sujeito não quantificado (Tarefa 1), ou a preferência pela correferência do sujeito nulo com o antecedente sujeito matriz em contexto de completiva ou adverbial, tal como se verifica no PE (LUEGI, 2012; LOBO e SILVA, 2016). As percentagens obtidas situam-se, globalmente, ao nível dos 50% para qualquer das tarefas, daí ter-se optado pela apresentação individual dos resultados, como meio de verificar se, individualmente, os resultados podiam ser outros. Da leitura dos resultados correspondentes à Tarefa de aceitação de interpretação (tarefa 1) pode-se concluir que as performances do grupo de angolanos denotam variação ao que se esperaria numa língua de sujeito nulo consistente, em que os falantes interpretam o sujeito nulo como variável ligada ao sujeito, mas não um sujeito pronominal (MONTALBETTI, 1984).

Para os falantes angolanos, a interpretação do sujeito nulo encaixado como variável ligada com antecedente quantificado não é categórica. Os resultados demonstram que apesar de esta ser a tendência que mais se verifica, há casos em que esta interpretação não é aceite. O grupo dos angolanos aceita tanto os contextos em que o sujeito pronominal retoma antecedentes sujeitos quantificados e não

quantificados, o que é inesperado numa língua de sujeito nulo.

Os resultados individuais do grupo de angolanos parecem denotar desempenhos diferentes: i) um tipo de desempenho igual ao que se verifica para o PE; ii) um tipo de desempenho diferente do que se verifica no PE; iii) um tipo de desempenho que não distingue os dois contextos, que apresenta resultados semelhantes para o nulo e para o pronome.

Os resultados do grupo de controlo para a Tarefa 1 confirmam as previsões. Apesar de não ser categórica, a interpretação dos falantes de PE está de acordo com o Princípio de MONTALBETTI (1984). Os falantes de PE aceitam a interpretação dos sujeitos nulos e pronominais como variáveis ligadas com o sujeito matriz e maioritariamente rejeitam a mesma interpretação para sujeitos pronominais.

Na tarefa das leituras preferenciais (tarefa 2) verificou-se que no PA, em contexto de completiva *pro* retoma preferencialmente um antecedente sujeito. Em contexto de adverbial não há uma preferência marcada. Os resultados situam-se ao nível dos 50% para qualquer uma das opções disponíveis.

Nos mesmos contextos (completivas e adverbiais) verifica-se que o pronome pleno tanto pode retomar um antecedente sujeito como pode retomar um antecedente diferente do sujeito.

Quando analisadas individualmente, as respostas dos angolanos denotam que há pelo menos três categorias: i) respostas de informantes que têm uma gramática parecida à gramática do PE, isto é, para estes informantes o sujeito nulo é preferencialmente correferente com o sujeito matriz e o sujeito pronominal retoma preferencialmente o objeto; ii) respostas de informantes que têm uma gramática diferente do PE, que não manifestam uma preferência clara pela correferência do sujeito nulo com o sujeito matriz e o pronome pleno com o objeto; iii) respostas em que o pronome nulo tanto pode retomar o sujeito como o objeto e o mesmo ocorre com o pronome pleno, o que dá mostras de que nesta tarefa os resultados do PA diferem do que era esperado numa língua de sujeito nulo consistente.

Nesta mesma tarefa, nos mesmos contextos, verificou-se que no PE há uma distinção clara entre pronomes nulos e pronomes plenos quanto ao tipo de antecedentes que selecionam preferencialmente; os pronomes nulos retomam preferencialmente antecedentes sujeitos e os pronomes plenos antecedentes objeto.

Os resultados do grupo dos portugueses confirmam as previsões de CARMINATI (2002) e, para o caso do PE, os resultados verificados nos trabalhos de COSTA *et al* (1998), LUEGI (2012), SILVA (2015) e LOBO e SILVA (2016), que referem que nas línguas de sujeito nulo consistente há uma divisão de tarefas entre sujeitos nulos e plenos, que são sensíveis à posição sintática do antecedente. Nestas línguas, o sujeito nulo é usado preferencialmente para recuperar um antecedente sujeito e o sujeito pronominal é usado para retomar um antecedente objeto. Nesta tarefa verificou-se que o pronome pleno tanto pode ser correferente com antecedente sujeito como com objeto.

Na Tarefa 3, para ambos os grupos, os resultados também não são categóricos. Os contextos apresentados possuíam dois antecedentes disponíveis, o que favorecia uma leitura em que se podia retomar qualquer dos antecedentes. O sujeito nulo podia recuperar parcialmente o antecedente que se encontrava em posição mais alta por meio de uma leitura *strict* ou uma leitura em que o pronome nulo podia retomar o antecedente sujeito da oração imediatamente anterior a si.

No PE observa-se que há uma tendência marcada de aceitação preferencial da leitura em que o nulo encaixado retoma o sujeito matriz.

Os falantes angolanos demonstram maior aceitação de uma leitura *strict* em que o nulo recupera o sujeito, embora sejam significativos os contextos em que também se aceita a correferência do pronome nulo com o antecedente sujeito da oração imediatamente anterior a si. Portanto, neste contexto a interpretação dos sujeitos nulos por falantes angolanos também é variável. No PE parece ter preferencialmente um funcionamento de pronome; na PA, os resultados não são tão claros, há uma maior aceitação de leituras *sloppy*, compatíveis com uma análise de variável ligada.

Na Tarefa de juízos de gramaticalidade forçavam-se determinados tipos de leituras: i) pronome nulo coindexado com antecedente sujeito, opção preferencial nas línguas de sujeito nulo consistente; ii) pronome nulo coindexado com antecedente objeto, inaceitável no PB; iii) pronome pleno coindexado com antecedente sujeito, aceitável no PB e despreferido no PE; iv) pronome pleno coindexado com o objeto, aceitável no PE e no PB.

Todos os contextos testados tinham dois antecedentes que eram marcados por um traço de género distinto, o que favorecia um tipo de leitura em que tanto o pronome nulo como o pronome pleno podiam retomar apenas um dos antecedentes disponíveis. As médias de respostas dos dois grupos nesta tarefa são aproximadas, situam-se ambas muito próximas do valor máximo (4), que é estimado como o valor máximo de aceitabilidade das frases, isto apesar de haver contextos em que a leitura das frases força correferências atípicas para o PE, como nos casos da coindexação do nulo com o objeto e do pronome com o sujeito. Mesmo nestes contextos a opção maioritária dos informantes foi a de considerar aceitável este tipo de coindexação, o que parece resultar da necessidade de concordância dos traços de género do pronome nulo ou pleno com o seu antecedente.

Na tarefa 4 o grupo de angolanos tem performances mais uniformes. Os resultados confirmam as previsões de que os falantes angolanos considerariam aceitáveis a maior parte dos contextos testados e que as suas respostas estariam na mesma linha daquilo que se espera no PE.

Referências

BARBOSA, Pilar; DUARTE, Maria Eugênia L.; KATO, Mary. Null subjects in European and Brazilian Portuguese. **Journal of Portuguese Linguistics**, v. 4, n. 2, p. 11-52, 2005.

CARMINATI, Maria Nella. **The processing of Italian subject pronouns**. 2002, 426f. Tese (Doutorado em Filosofia) – University of Massachusetts, Amherst. 2002.

COSTA, Armanda, ISABEL Hub Faria & MATOS Gabriela. Ambiguidade referencial na identificação do sujeito em estruturas coordenadas. *In: Actas do XIII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: APL, 1998. p. 173-188.

COSTA, João; LOBO, Maria. Crosslinguistic variation in the acquisition of null categories: Portuguese vs. Japanese. *In: Theoni Neokleous & Kleanthes Grohmann. Developments in the Acquisition of Clitics*. Cambridge. 2015. p. 276-299.

COSTA, João; PRATAS, Fernanda. Licenciar pro não significa ser uma língua pro-drop: evidência do Caboverdiano. *In: FROTA, Sónia; SANTOS, Ana Lúcia (Eds) Textos Seleccionados do XXIII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: Colibri, p. 2007. p. 157-166.

FILIACI, Francesca; SORACE, Antonella; CARREIRAS, Manuel. Anaphoric biases of null and overt subjects in Italian and Spanish: a cross-linguistic comparison. **Language and Cognition and Neuroscience**, London, v. 29, n. 7, p. 825-843, 2013.

HOLMBERG, Anders. Is there a little pro? Evidence from Finnish. **Linguistic inquiry**, v. 36, n. 4, p. 533-564, 2005.

JAEGGLI, Osvaldo; SAFIR, Kenneth J.. The Null Subject Parameter and Parametri Theory. *In: JAEGGLI, Osvaldo; SAFIR, Kenneth J. (Eds.). The Null Subject Parameter*. Dordrecht: Kluwer Academic Publisers, 1989. p. 1-44.

KAPETULA, José. **Interpretação de sujeitos nulos e pronominais no Português de Angola**. 2016. 89f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Linguagem) – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, (2016).

KATO, Mary Aizawa; DUARTE, Maria Eugênia Lammoglia. Restrições na distribuição de sujeitos nulos no Português Brasileiro. **Veredas: Sintaxe das Línguas Brasileiras**, v. 18, n. 1, p. 1-22, 2014.

- LOBO, Maria; SILVA, Carolina. Ambiguidade pronominal em orações adverbiais do português europeu: crianças vs. adultos. **Revista da Associação Portuguesa de Linguística**, n. 2, p. 319-338, 2016. DOI: <https://doi.org/10.21747/2183-9077/rapl2a14>.
- LUEGI, Paula. **Processamento de sujeitos pronominais em Português: efeito da posição estrutural do antecedente**. 2012. 267f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Lisboa, (2012).
- MADEIRA, Ana; XAVIER, Maria Francisca; CRISPIM, Maria de Lourdes. Interpretação semântica e/ou pragmático-discursiva de sujeitos na aquisição de português L2. *In: Textos Seleccionados, XXV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, Porto, APL, 2010. p. 513-529.
- MADEIRA, Ana, XAVIER, Maria Francisca & CRISPIM, Maria de Lourdes. Uso e interpretação de sujeitos pronominais em português L2. *In: Textos Seleccionados, XXVII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, Lisboa, APL, 2012. p. 376-397.
- MODESTO, Marcello. Null Subjects without “rich” agreement. *In: KATO, M. A.; NEGRÃO, E. V. (Orgs.). Brazilian Portuguese and the Null Subject Parameter*. Vervuert-Iberoamericana, 2000. p. 147-174.
- MONTALBETTI, Mario M.. **After binding: on the interpretation of pronouns**. 1984. 200f. Tese (Doutorado em Filosofia) Massachusetts Institute of Technology, Massachusetts, 1984.
- MORGADO, Sara. **Processamento da correferência pronominal: informação sintáctica e semântica**. 2011. 199f. Dissertação (Mestrado em Psicolinguística) – Faculdade de Letras de Universidade de Lisboa, Lisboa, 2011.
- OLIVEIRA, Márcia Santos Duarte de; SANTOS, Eduardo Ferreira dos. Pronomes nulos na posição de sujeito no português de Angola: **Um estudo preliminar. Filologia e Linguística portuguesa**, n. 9, p. 85-102. 2007. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2176-9419.v0i9p85-101>.
- PRATAS, Fernanda. **O Sistema Pronominal do Caboverdiano (variante de Santiago): Questões de Gramática**. 2002. 129f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2002.
- SILVA, Carolina Glória de Almeida Guerreiro da. **Interpretation of Clitic, Strong and Null Pronouns in the Acquisition of European Portuguese**. (2015). 282f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2015.
- ZHENG, Yi. Aquisição da correferência pronominal catafórica no português europeu por aprendentes chineses. **Revista da Associação Portuguesa de Linguística**, n. 3, p. 401-422, 2017, DOI: <https://doi.org/10.26334/21839077/rapln3ano2017a21>.